

DEPOIMENTOS

Publicados originalmente no *Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco* (Ano XII. Maio/Junho de 1998), na edição especial “O mundo das palavras/as palavras do mundo: ensaios e depoimentos revisitam cosmos e linguagem de Osman Lins vinte anos depois da sua morte”, organizada por Lauro de Oliveira.

FAZIA QUESTÃO DE QUE NÃO PERDÊSSEMOS O SONHO

Litânia Lins

Filha de Osman Lins.

Papai teve uma infância solitária, convivendo praticamente apenas com adultos. Sua mãe faleceu aos dezoito anos de idade, logo após seu nascimento. Tal fato, achava ele, lhe conferia uma responsabilidade existencial. Aquela menina, parecia-lhe, tinha nascido com o único fim de colocá-lo no mundo. Era preciso, pois, ser alguém.

Criado em um sítio por sua avó paterna, Joana Carolina, e um casal de tios, Antônio e Laura, teve uma educação muito rígida. Quando seu pai casou novamente, ele começou a se dividir entre as duas casas, tendo, da parte de sua madrastra Eulália, o mesmo carinho que recebia da avó e dos tios. Na verdade, Eulália foi, para ele, uma verdadeira mãe, tendo recebido dela o primeiro presente da sua vida, aos cinco anos. Este fato ele jamais esqueceu. Por outro lado, quando íamos passar o fim de semana no sítio da nossa bisavó, lembro que ela não dormia enquanto não entrasse no quarto, para cobri-lo com o lençol...

O tio viajava frequentemente e sempre, sempre, voltava trazendo na bagagem histórias fantásticas, que incutiram no sobrinho o gosto pela narrativa, no que foi estimulado, anos mais tarde, pelo seu professor José Aragão.

Tivemos uma educação cartesiana, com as atividades do dia-a-dia datilografadas e fixadas na porta do nosso quarto... mas, apesar do rigor, tínhamos nele uma voz amiga e experiente e, embora seu apelido no colégio fosse “Tristeza”, tinha seus momentos de muito bom humor, e nunca deixou de nos proporcionar diversões no fim de semana, dentro do que o Recife oferecia à época, em termos de lazer.

A nossa infância foi feliz. Dizia-nos sempre que Papai Noel não existia. No entanto, quando acordávamos pelo Natal, ele “não sabia” quem tinha colocado aqueles presentes nas nossas camas, de madrugada...

E foi sempre assim: não nos queria alienadas, mas fazia questão de que não perdêssemos o sonho.

QUANDO O ESCRITOR É PAI

Letícia Lins

Jornalista, filha de Osman Lins, tem uma longa trajetória no jornalismo. Começou ainda estudante, no Jornal do Commercio, no Recife. Tem passagens pelo Jornal do Brasil, TV Globo, Revista Veja e Jornal O Globo, onde atuou por 23 anos. Foi a idealizadora do programa rural Campo Livre, na TV Pernambuco. Acumula várias premiações no currículo, inclusive o XXIV Prêmio de Direitos Humanos de Jornalismo (2007), o Sexto Prêmio Senai de Reportagem (2009) e o Eso de Jornalismo (2015), na categoria reportagem. Desde 2016, decidiu criar o Blog #OxeRecife, voltado para a defesa da população, com abordagens sobre os problemas urbanos da cidade. Há prioridades de enfoque, também, para as áreas de cultura, meio ambiente e pessoas que fazem acontecer.

Década de 70. Estou de passagem pelo Rio de Janeiro. Meu editor no Jornal do Brasil me dá uma missão. Fazer uma entrevista com Osman Lins. Entrevistar um escritor não é difícil. Mas é complicado escrever sobre ele, quando o escritor é o pai da gente. Fiz a entrevista. Falamos da literatura, da arte de criar, da paixão do criador pelo verbo, de sua ligação artesanal e quase obsessiva pela palavra escrita. Lembro que seus olhos brilhavam, a voz se empolgava e ele desfiava os caminhos que, na época, levavam à elaboração de um novo livro, *A rainha dos cárceres da Grécia*.

Escrever a matéria foi uma tarefa muito árdua. Árdua porque a admiração filial entrou em conflito com a necessidade do texto objetivo que eu, como repórter, sempre busquei. Lembro-me de que cheguei a suas, demorei muito a produzir o texto, porque, se escrevia para um jornal, a repórter tinha que falar mais alto do que a filha. Li o texto final. Achei-o objetivo, sem nenhum traço de pieguismo, coisa que detesto até na vida prática, quanto

mais em um texto público de jornal. Atenção, gente, não confundir sentimento com pieguismo.

A entrevista depois seria publicada no livro *Evangelho da taba*, que chega às mãos de Mário Hélio, editor deste Suplemento Cultural, que me reclama, indaga como pude ser “tão seca” em entrevista feita com o meu próprio pai. Penso que talvez eu tivesse me excedido um pouco no meu cartesiano zelo de repórter.

Agora, no entanto, a situação é outra. E estou muito à vontade para escrever nesta edição. Porque agora o faço como filha, não como repórter, nem como crítica, que nunca fui, cheia de brios literários. E hoje falo lembrando do pai, um homem que para mim tinha uma imagem dupla. Tinha a imagem de um adulto enérgico, cheio de moral e único no círculo familiar que impunha respeito a essa criança de gênio indomável, a quem ele costumava chamar de Partido Comunista. Simplesmente porque eu criticava tudo, reclamava das coisas feitas, queria consertar o mundo. Quando ele dizia não, eu não ousava dizer sim. Era o único adulto da família – incluindo mãe, avós, tias – que eu não ousava contestar. Mas era, também, o que mais me tocava. Se eu estava doente, ele sabia quebrar a monotonia da obrigação ao repouso, colocando uma rosa vermelha na bandeja que levava com o café a minha cama. Soube também, como poucos, despertar o senso poético que pode ainda hoje existir em mim. Ele transformava passeios comuns – como uma travessia de bote rústico no rio Capibaribe – em um exercício poético. Mostrava-me as cores do pôr-do-sol, as torres hoje nem tão altas da igreja da Jaqueira, a relva às margens do rio. Também me encheu de tintas e pincéis, quando descobriu meu gosto pela pintura, ofício que mais tarde eu trocaria pelo de escrever. E costumava ler, às gargalhadas e com os amigos, os escritos que eu me atrevia a fazer, logo que me alfabetizei. Ele achava engraçado o que eu escrevia, e eu ficava sem entender. Porque, para minha cabeça de menina, era muito sério o que eu escrevia.

Ele era um homem extremamente metódico. Mas não gostava de acordar muito cedo. Quando levantava, tomava o café, e ia para o gabinete, onde escrevia até às 11 h. Às vezes eu entrava no seu gabinete. Olhava os títulos dos seus livros na estante abarrotada. Mas muito pequena, não lia ainda o que ele escrevia. A cumplicidade, a troca de informações, viriam muito depois, quando ele passou a residir em São Paulo. Com a separação do casal, as filhas e a minha mãe voltaram para o Recife. Aí as cartas se tornaram frequentes, e, por incrível que pareça, eu e ele ficamos muito mais próximos. Trocávamos informações sobre tudo, sobre o que ele escrevia, sobre o que escrevera, sobre o que ia escrever. Ele mostrava sua indignação com os pro-

blemas políticos da época, com o descaso com a cultura, com a limitação do trabalho bancário para uma cabeça tão efervescente quanto a sua.

- Estou cada dia mais sem sentido nesse banco (o Banco do Brasil, onde trabalhou até aposentar-se para garantir a sobrevivência, já que a literatura demorou a render-lhe conforto financeiro). Um veterinário trabalha, olha para trás e vê o rebanho que salvou. Um arquiteto olha para trás e vê a cidade que construiu. Um médico vê as vidas que salvou. E eu, quando abro a gaveta deste arquivo, só vejo na minha frente uma porção de fichas velhas – reclamava, com seu jeito irônico.

Era um homem de hábitos refinados, apesar da origem humilde. Achava que devia estar sempre bem vestido, ao ponto de calçar os sapatos na hora de almoçar. Uma vez, um vizinho foi visitá-lo lá em casa. Ao invés de ir com uma roupa domingueira, visitou-o de pijama. Apesar da intimidade e do jeito descansado que os nordestinos costumam ter, meu pai não perdoou. Foi lá dentro, vestiu o pijama, e disse ironicamente ao visitante: - Pronto. Agora podemos conversar à vontade, estou de pijama, como você.

Acompanhei-o, em São Paulo, no seu leito de morte. No final da vida, ele não me parecia tão ateu quanto dizia ser. Olhava a janela do hospital, via a luz do sol. Eu, impotente e envergonhada por não poder fazer nada para livrá-lo do sofrimento de um mal maligno, perguntei em que ele pensava.

- Quando eu sair daqui, vou visitar uma igreja, disse-me. No dia seguinte, o padre veio dar-lhe a extrema-unção.

Vi-o fitando o sacerdote, orando com ele humildemente. Senti um nó na garganta. Sabia que o fim estava ali, bem próximo.

Dias depois ele morreu. Nos meus braços. Cheguei a ser grosseira com minha irmã Ângela. Expulsei-a do quarto, porque ela chorava alto. Eu não queria que ele levasse a lembrança de lamentos para o outro lado do mundo. Alisei o seu cabelo, a sua testa, e penso que a sua passagem foi tranquila.

Até hoje me arrependo de não ter levado para o hospital um som suave, para que na hora da morte ele ouvisse uma música barroca, um canto gregoriano. Carrego comigo esse remorso, de não ter transformado a sua travessia em um clima de sonho. Um sonho que lhe desse a impressão de que ao invés de debater-se com a morte, ele estivesse realizando o seu último desejo: o de entrar numa igreja, onde fosse recebido com um som celestial, executado pelos anjos.

A MÃO QUE ESCREVIA LIVROS DE FOGO

Ângela Lins

Advogada, filha de Osman Lins, preside o **Instituto Cultural Osman Lins (ICOL)**, constituído em 25 de abril de 2013, associação civil de direito privado e de interesse público, sem fins lucrativos, de caráter educacional e cultural, que objetiva, como finalidade maior, a divulgação da obra e a preservação da memória de seu patrono, facilitando o acesso do público ao acervo familiar do referido autor.

Respondendo certa vez a Edla van Steen acerca da época em que aceitou a sua vocação, Osman Lins falou que não trouxera, ao nascer, lápis nem papel, sendo, portanto, mais apropriado dizer que escrever é, simplesmente, uma escolha.

Recordo este fato porque, em criança, a impressão que ele me passava era a de que, realmente, viera ao mundo com a sua velha Remington, que nunca o abandonou. Era nela que escrevia os seus “livros de fogo”. Quem leu *Do ideal e da glória*, *Evangelho na taba* e principalmente, *Guerra sem testemunhas*, sabe do que estou falando.

Sem gostar de intitular o que escrevia pelo fato da designação lhe parecer por demais acadêmica, incursionou por todos os gêneros, dividindo em dois campos – a ficção e o ensaio – o conjunto de sua obra. E nessa missão, colocou a sua vida.

Fiel aos seus princípios, nunca se desviou um milímetro sequer, nem mesmo quando já quase agonizante. Poucos dias antes de falecer, um amigo de sua irmã foi ao hospital.

- Papai, aquele amigo de tia Lourdes está aqui...
- O que é militar?
- É... quer notícias suas...
- Não dê!

Não era nada pessoal. Apenas não gostava de militares. Minhas irmãs e eu ficamos numa situação difícil, mas eu não pude deixar de rir. Porque sabia que sua reação seria exatamente aquela.

Inúmeros fatos desse naipe até agora me fazem rir, quando me lembro.

Hoje, passados vinte anos, não posso dizer que superei essa perda. Ainda sinto falta de tudo – nossas conversas, brincadeiras, o “lavolho” que ele colocava na geladeira para me acordar no dia seguinte, o número de telefone na sua agenda do “cachorro que late”, e ele ligava sempre, para reclamar dos latidos e rosnados... Coisas aparentemente sem importância, mas que faziam parte da nossa camaradagem. Antes de ser pai, ele era um grande amigo.

Desde que adoeceu, todos os dias eu tinha esperanças de uma melhora ou, até, de vê-lo completamente restabelecido. Mas, na manhã de 8 de julho de 1978, quando fui passar o dia no hospital (como sempre fazia, desde o seu internamento, em 22 de junho), senti que aquele dia, definitivamente, estava marcado para tornar o Brasil culturalmente mais pobre: no caminho, ouvi que um incêndio de grandes proporções assolava as dependências do MAM carioca, destruindo, segundo soube depois, quase cem obras do seu acervo.

Ao chegar ao quarto, dei-lhe um beijo na testa, ele estava dormindo. Mais de cinco horas depois, ainda estava na mesma posição. Comentei com minha irmã Letícia que tal imobilidade não era normal. Chamamos a enfermeira. As mãos que escreviam os “livros de fogo” haviam, infelizmente, silenciado para sempre. Partiu sem que percebêssemos, de forma tão suave que, no dia 9, ao sair do Cemitério do Araçá, não pude deixar de me lembrar do início do “Requiescat”, poema que Oscar Wilde escreveu à sua irmã Isola, morta aos nove anos:

“Pisa de leve.
Dormindo sob a neve
ela está.
Fala mansamente.
Ela pode estar ouvindo
crescerem as margaridas.”
(*Jornal do Comércio*, 23/08/1998)

